

Nasce

“ELA É
SINÔNIMO DE
GIRL POWER”
– ÉRICA IMENES

Para

Brilhar

LYLA
LEE

PLATA
FORMA 21

LYLA LEE

*Nasci
Para
Brilhar*

TRADUÇÃO
REGIANE WINARSKI

PLATA
FORMA 21

TÍTULO ORIGINAL *I'll Be the One*

© 2020 by Lyla Lee

Publicado originalmente em inglês por Katherine Tegen Books,
um selo da HarperCollins Publishers, Nova York.

Todos os direitos reservados.

© 2020 VR Editora S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da VR Editora

DIREÇÃO EDITORIAL Marco Garcia

EDIÇÃO Thaíse Costa Macêdo

COLABORAÇÃO Pamella Destefi

PREPARAÇÃO Isadora Próspero

REVISÃO Érica Imenes

DIAGRAMAÇÃO Pamella Destefi

DESIGN DE CAPA Molly Fher

FOTOGRAFIAS DE CAPA © 2020 by Michael Frost | © CARACOLLA

(<https://www.shutterstock.com/g/Verkensons>)

ADAPTAÇÃO DE CAPA Pamella Destefi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lee, Lyla

Nasci para brilhar / Lyla Lee; Tradução Regiane Winarski.

– Cotia, SP: Plataforma21, 2020.

Título original: *I'll Be the One*

ISBN 978-65-88343-01-2

1. Ficção de fantasia 2. Ficção juvenil I. Título.

20-41277

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB 8/7964

Todos os direitos desta edição reservados à

VR EDITORA S.A.

Via das Magnólias, 327 – Sala 01 | Jardim Colibri

CEP 06713-270 | Cotia | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4702-9148

plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

PARA OS MEUS AMIGOS.
EU NÃO ESTARIA VIVENDO ESSE SONHO SEM VOCÊS.

Capítulo Um

GAROTAS GORDAS NÃO SABEM DANÇAR.

Minha mãe disse isso depois de um dos meus recitais de balé quando era criança. Eu já me sentia deslocada. Apesar de todas as meninas terem 5 anos, as outras já haviam perdido aquela gordurinha dos bebês e tinham pernas e braços finos e angelicais, enquanto eu exibia uma barriguinha proeminente de querubim que dava para ver até dos assentos no balcão.

Acho que uma criança normal teria chorado. Ou se desanimado. Talvez até tivesse desistido do balé naquele momento. Mas bati o pé no chão com toda a força que meus 5 anos me permitiam e gritei na cara da minha mãe: “AH, É? VOU PROVAR QUE VOCÊ ESTÁ ERRADA!”. Continuei no balé por vários anos até que aquelas prima-donas esnobes acabaram me enjoando tanto que mudei para o hip-hop e a dança moderna.

Acho que essa história toda da dança é uma ótima representação do relacionamento que tenho com a minha mãe. E é por isso que, em vez de contar a ela sobre *Você é minha estrela brilhante*, o novo programa de competição de K-pop em Los

Angeles, eu matei aula e peguei o trem para fazer a audição. E não lamento a mentira nem por um segundo.

Felizmente, meu pai me acompanhou nas audições preliminares quando veio à cidade semana passada. Ele esperou comigo na fila e assinou todas as autorizações de pais, uma coisa que minha mãe nunca faria.

As audições preliminares foram casuais e rápidas, mas a fila de hoje está se arrastando em velocidade de tartaruga, provavelmente porque todo mundo está sendo filmado com o potencial de aparecer na televisão. É a época do ano que eu mais detesto: final de agosto, quando Los Angeles fica úmida e quente como o próprio inferno. Depois de passar muitas horas na fila insuportável que serpenteia pelo Wilshire Boulevard, estou toda suada e ofegante quando entro no prédio chique onde as audições acontecem.

– Oi – falo para a moça da recepção enquanto seco o suor da testa. – Vim participar da audição pra *Você é minha estrela brilhante*. Meu nome é Shin Haneul, mas meu nome americano é Skye.

Quando falo meu nome coreano, trato de dizer o sobrenome primeiro, como meus pais me ensinaram. Sempre amei meus dois nomes, porque *haneul* significa “céu” em coreano, que, por sua vez, é *sky* em inglês. Skye foi uma variação legal para Sky que meu pai escolheu para mim quando falei que queria um nome americano para usar na escola. E o nome pegou.

A moça da recepção, uma coreana de uns quarenta e poucos anos com cara de quem poderia ser uma das amigas da minha mãe (sério, ela se veste *igualzinho* a elas... a mesma blusa preta e tudo) me olha de relance... então para e olha de novo

com mais atenção. Ela nem esconde o choque total, talvez até repulsa, que sente ao me encarar.

– V-você vai se candidatar? – pergunta ela com sotaque coreano.

Eu passo a falar coreano.

– Vou. Já passei nas audições preliminares. Aqui estão os documentos assinados pelo meu pai e registrados em cartório.

– Ah... tudo bem.

Ainda com cara de dúvida, a moça pega meus papéis. Enquanto espero que ela me registre, tiro os óculos de sol de armação branca em forma de coração para ver o interior do prédio melhor.

Sem o tom rosado das lentes, o ambiente parece pular na minha cara. O prédio é bem velho, com cara de que foi construído nos anos 1920. Mas quase cada centímetro do saguão está coberto com pôsteres coloridos de celebridades que já foram jurados do programa, e as televisões de LED Samsung exibem sem parar o vídeo promocional de *Você é minha estrela brilhante*. Os jurados são os de sempre: Jang Bora, integrante agora aposentada do Lovey Dovey, um dos grupos de K-pop precursores dos anos 1990; Park Tae-Suk, criador do *Você é minha estrela brilhante* e fundador de uma das maiores empresas de entretenimento da Coreia; e Gary Kim, um rapper coreano-americano de destaque no cenário da Koreatown de Los Angeles.

Sinto a pele praticamente vibrar de empolgação por estar prestes a ver as três celebridades em pessoa. Durante minha audição, em poucos minutos, vou conseguir ver até os poros deles...

isso *se* eles tiverem poros. Minha mãe sempre diz que as celebridades sul-coreanas dão atenção especial à pele porque as telas HD agora mostram tudo. Não vejo tanta televisão coreana para ter certeza, mas tomo uma nota mental para conferir se ela está certa quando entrar na sala da audição.

Apesar de *Você é minha estrela brilhante* não ser a primeira competição de K-pop a oferecer audições globais, é a primeira a fazer audições exclusivamente nos Estados Unidos. Não consigo acreditar no quanto o K-pop cresceu. Meros oito anos atrás, as pessoas só conheciam o Psy e os momentos engraçados de “Gangnam Style” que viraram meme. Agora, o BTS é conhecido em todo lugar, e tem gente com todo tipo de experiência de vida formando a fila da audição.

Nas telas de televisão, os rostos dos jurados viram tela preta, e de repente estou vendo uma garotinha nervosa no palco. Seu cabelo está preso em mairas-chiquinhas cacheadas e ela está usando uma camiseta vibrante amarela do Bob Esposito. A plateia ri e solta um “óunt” de fofura para ela, até que ela abre a boca e começa uma versão arrasadora e linda de “Hello”, da Adele.

– Minha nossa! – comenta alguém na fila atrás de mim.

– Só pode ser piada. A gente tem que concorrer com *isso*? – diz outra pessoa.

Estremeço. Ninguém falou que a gente teria que ver as outras audições enquanto esperávamos na fila, mas acho que eu não devia ficar surpresa. Afinal, é uma competição. E não há forma melhor de incentivar o espírito competitivo do que fazer todo mundo ver o que precisa superar.

– Prontinho – diz a moça da recepção em inglês, chamando minha atenção de volta para a frente. – Vá pra fila da Porta Três. O tempo de espera atual é de vinte minutos. Você também pode se sentar na plateia antes ou depois da sua audição, mas avise alguém da equipe primeiro.

Não entendo por que ela está falando comigo como se eu fosse estrangeira sendo que já respondi em coreano, que falo sem sotaque. Mas daí reparo em como ela está me olhando: os olhos apertados numa careta leve, os lábios repuxados em preocupação. Há medo e desconfiança de verdade em seus olhos, como se ela tivesse medo de eu estragar a competição toda só de *estar* lá. Se um bando de animais selvagens entrasse de repente no local, ela provavelmente olharia para eles da mesma forma como está me olhando agora.

Por um momento, penso se vale a pena chamar a atenção dela pela grosseria. Costumo fazer isso, principalmente porque, em um contexto social americano, reclamar leva a alguma coisa. Mas estamos no meio da Koreatown, onde todas as placas, restaurantes e até os bancos são coreanos. No máximo, a moça me olharia de cara feia por ser uma “adolescente americana grosseira”. Não vale a pena.

No final, tento ignorá-la e vou para a fila. Escolho ficar esperando de pé em vez de entrar no auditório. Embora sejam irritantes, as opiniões de estranhos sobre meu peso não são nada em comparação a uma vida inteira de comentários reprovadores da minha mãe.

Nesse momento, as portas se abrem e duas garotas entram. As duas são asiáticas; uma tem cabelo pintado de louro-avermelhado e a outra usa um corte chique na altura dos ombros, com os fios

tingidos de azul. Seu delineador de gatinho e batom estão perfeitos, e elas usam lentes de contato coloridas que deixam os olhos em tons variados de âmbar e castanho-avermelhado.

Fico olhando para elas. Todo mundo fica. Cada centímetro delas é perfeito e suas roupas são vibrantes e coloridas sem ser extravagantes, conseguindo não ultrapassar o limite entre o brega e o estiloso. Parecendo que acabaram de sair das filmagens de um clipe de K-pop, elas seguem até a recepção, os saltos estalando em sincronia sinistra no piso de mármore.

– Bem-vindas! – exclama a moça da recepção, falando em coreano animado. – Por aqui! Só preciso dos seus papéis e documentos antes de mostrar aonde vocês devem ir.

Ora, que surpresa. Eu reviro tantos os olhos que é um milagre não ver meu próprio cérebro. Para ser como essas garotas, minha mãe (e a moça da recepção) depilariam até o corpo do satanás – se é que satanás tem pelos no corpo.

Depois que se registram, as garotas se separam. A de cabelo azul vai para a fila da Porta Dois, a da dança, e a de cabelo louro-avermelhado vai para a fila da Porta Um, a de canto. Vou tentar as duas coisas e é por isso que estou em frente à Porta Três. Tudo parece complicado, mas, depois de ver as pessoas entrando para as audições, entendo que estão revezando entre as filas de forma organizada e metódica.

A garota de cabelo louro-avermelhado se vira e me olha.

Eu a encaro sem hesitar. Isso costuma funcionar quando as pessoas me olham de uma forma grosseira.

Mas, em vez de afastar o olhar, ela inclina a cabeça e faz

uma bola de chiclete roxo entre os lábios pintados de azul. Não parece abalada, como a moça da recepção, só... curiosa.

– Oi – digo, erguendo a sobrancelha de forma significativa.

– Sou Skye. Posso ajudar com alguma coisa?

Sem hesitar nem um momento, a garota abre um sorriso largo e estica a mão com unhas perfeitas na minha direção.

– Oi, eu sou a Lana. Você vai fazer audição pra cantar ou dançar?

A voz dela é vibrante e clara, parecendo o badalar de um sino de uma forma que as vozes humanas não deviam parecer. Faz com que eu pense nos anunciantes dos noticiários coreanos que meus pais sempre assistem. Se não fosse o sotaque de patricinha de Valley, eu acharia que ela era de Seul.

– As duas coisas – digo.

– Ah, talento em dobro. – Os lábios azuis brilhantes se abrem em outro sorriso. – Que interessante. A terceira fila é pra isso?

Eu assinto.

– E você? – Já sei a resposta, mas pergunto mesmo assim, só por educação.

– Sou mais de cantar – diz ela. – Até *sei* dançar... mas não tão bem a ponto de querer competir com dançarinas como *ela*.

Ela indica a garota com quem entrou no prédio. A outra me olha com cautela antes de sorrir e acenar para Lana. Se Lana repara no olhar, não diz nada. Só acena de volta.

– Sou o contrário – digo. – Passei a vida toda dançando e admito que sou melhor nisso. Mas também canto. Estou no coral desde o fundamental.

– Ah, legal! – Ela parece impressionada mesmo.

Aos poucos vou baixando a guarda e abro um sorriso modesto. Fico aliviada por a conversa estar rolando melhor do que eu esperava. Odeio admitir, mas uma parte de mim estava esperando que ela fizesse um comentário sobre meu peso, como as pessoas costumam fazer. Em geral é só questão de tempo até alguém como a minha mãe perguntar: “Como pode você não perder peso sendo tão ativa?” ou “Não seria melhor parar de dançar e se concentrar no canto? Você não pode esperar se tornar dançarina tendo esse tipo de corpo”.

É verdade que isso é mais coisa da minha mãe. Mas, desde que me lembro, algumas pessoas me fazem perguntas assim todo ano. Quando era mais nova, eu me esforçava para responder e dizia que todo mundo da família do meu pai era grande e que a genética determina a forma de um corpo mais do que qualquer outra coisa. Eu falava que meu médico dizia que eu era saudável. Mas as pessoas não acreditavam, não importava o que eu dissesse. Acabei parando de tentar me explicar. Não valia o gasto de tempo e energia. E, sinceramente, meu peso não devia importar. Ser gorda não me torna uma pessoa pior.

Lana e eu olhamos para a televisão enquanto um cara é massacrado pelos jurados por cantar desafinado. Sinto muita pena dele, porque fica claro que só o deixaram passar pela audição preliminar para ele ser motivo de piada na frente das câmeras. Ainda estou pensando no quanto isso é horrível, quando reparo que Lana não está mais olhando para a televisão.

Ela está olhando para *mim*.

– Olha só – diz ela. – Me desculpa se for grosseria, mas...

Eu prendo a respiração. *Não pergunte sobre meu peso. Por favor, não pergunte sobre meu peso.* As coisas estavam indo tão bem entre nós e não quero mesmo que vá tudo por água abaixo. Eu me preparo, esperando o pior.

Mas ela pergunta:

– Fazer audição pras duas coisas não é meio arriscado demais? Ouvi falar que, com as pessoas que tentam as duas coisas, os jurados não deixam ir pra etapa seguinte se a pessoa não for boa em uma delas. Ou pode ser que te façam escolher uma ou outra na hora. Não quero ofender, mas é que eu nunca conseguiria fazer isso. É assustador demais.

– Bom – digo, tentando relaxar de novo –, o risco é dobrado, mas a recompensa também. Quem consegue entrar nos vocais e na dança tem mais uma chance depois, se for eliminada em uma categoria. É horrível eles poderem me eliminar nas audições se eu só for boa em uma das duas coisas, mas se eu entrar em ambas e acabar sendo eliminada em uma durante a competição, ainda vou poder ficar na outra.

Mais uma vez, Lana não me questiona. Ela só me olha com uma expressão curiosa e surpresa.

– Uau, você é muito corajosa – diz ela. – Boa sorte!

Eu abro um sorriso.

– Obrigada. Pra você também.

Lana se vira para conversar com a amiga e eu olho para a minha fila. Alguém deve ter entrado, porque só tem uma pessoa na minha frente agora.

Apesar de não costumar ter medo de palco, sinto as mãos tremendo um pouquinho. Não comentei com Lana, mas o maior risco que corro nessa competição é não ser levada a sério. Graças a Hollywood, os padrões para corpos já são bem ruins em Los Angeles, mas são ainda piores no mundo do K-pop, onde é comum que garotas já magras como palitos ouçam pedidos de “cortar um pouco da papada” ou “fazer cirurgia para pálpebras duplas”. Não sou magra como um palito e não tenho pálpebras duplas e só posso imaginar a longa lista de “sugestões” que os profissionais da indústria fariam para mim.

Perca cinquenta quilos!, eles diriam. Faça plástica no nariz! Suba correndo cinco mil degraus todas as manhãs! Jogue-se aos tubarões!

Bom, é possível que não incluíssem esse último. Mas eu preferiria fazer isso em vez de qualquer outro item da lista.

A questão é que eu me aceito do jeito que sou. Durante muito tempo, tentei ser a filha magrela “perfeita” que minha mãe sempre quis. Aguardei anos de dietas, rotinas rigorosas de exercícios, sucos detox e qualquer outra porcaria supostamente saudável que ela descobria toda semana. Eu cresci em Orange County. Não era difícil encontrar esse tipo de coisa.

Mas agora já superei isso. *Tudo* isso. E se a minha mãe não conseguiu me mudar nos últimos anos, ninguém mais consegue.

Nesse momento, a porta externa se abre de novo. Há gritos do lado de fora e quase espero que um tornado bizarro entre no prédio. Mas um guarda-costas enorme de quase dois metros de altura usando terno e óculos de sol entra e segura a porta para uma pessoa.

– Ugh – resmungo Lana. – É *ele*.

A garota de cabelo azul, cujo nome percebo que ainda não sei, também resmungo.

Seja lá quem “ele” for, coisa boa não parece ser.

Estou prestes a perguntar, mas acabo nem precisando. Eu *sei* quem ele é. Na verdade, é difícil *não* saber quem ele é, porque quase todos os coreanos de Los Angeles e com certeza todos os da Coreia do Sul conhecem o garoto que passa pela porta.

De certa forma, a fama de Henry Cho é meio ridícula. Diferentemente das outras celebridades, ele não é integrante de uma *boy band* e não participou de nenhum K-drama.

Lembro-me vagamente de ter lido um artigo num site de notícias coreano que dizia que Henry vem de uma família *chaebol* muito poderosa, como as que aparecem nos K-dramas. Os *chaebols* são basicamente empresas enormes comandadas por famílias que têm negócios em diversas indústrias, como de tecnologia, alimentos e hotelaria. Isso, somado ao fato de a mãe do Henry ser uma atriz famosa, deve explicar por que as pessoas sabem quem ele é na Coreia do Sul.

Mas é estranho o quanto ele é conhecido aqui, onde a maioria das pessoas não sabe quem são os pais dele. Nos Estados Unidos, as únicas coisas notórias sobre Henry são que ele é rico e absurdamente lindo. Por algum motivo, isso basta para que ele seja contratado como modelo de marcas de luxo, e que seu Instagram tenha mais de 5 milhões de seguidores do mundo todo.

Ora, até *eu* o sigo no Instagram (em minha defesa, ele tem uma husky siberiana branca muito linda) e simplesmente

sei quem ele é, da mesma forma que todo mundo nos Estados Unidos simplesmente *sabe* quem são as Kardashians.

Sejamos realistas. As pessoas só devem segui-lo porque ele é gato.

Henry Cho deve ter 1,80 de altura, com ombros largos e maçãs do rosto acentuadas que acompanham os olhos brilhantes. E é tão atraente em pessoa quanto nas fotos. Ele estava loiro na última *selfie* que postou, mas está (ao menos na minha opinião) impossivelmente mais lindo agora, com o cabelo castanho bem escuro natural. Tudo, do cabelo penteado para trás à camisa de botão rosa-bebê e calça branca, exala a ideia de “descolado sem esforço”, enquanto o blazer marinho jogado nos ombros faz com que ele pareça ter acabado de sair da sessão de fotos de uma revista de moda.

Está quase 38 graus lá fora. Por que ele está carregando uma porcaria de blazer?

A moça da recepção dá um *gritinho*... isso mesmo, um *gritinho*. E quase tropeça nos próprios pés quando sai correndo para cumprimentar Henry na porta.

– Bem-vindo, sr. Cho! – exclama ela em coreano, se inclinando tanto que a cabeça para na altura da cintura dele. – Obrigada por vir participar da audição.

– Meu Deus – diz Lana, revirando os olhos. – Ele ganha um *agradecimento* só por *aparecer* em uma audição. Por acaso o Henry sabe cantar? Dançar? Odeio que essa indústria idolatra caras como ele sem motivo. Sempre dois pesos e duas medidas.

Ela tem razão. Não consigo me lembrar de ter ouvido nada sobre os talentos musicais do Henry – ou a falta deles. E mais

estranho ainda é que ele nem anunciou que ia participar das audições. Era de se pensar que uma pessoa famosa como ele faria um anúncio espalhafatoso sobre esse tipo de coisa. Mas sua última postagem no Instagram, de uns três dias atrás, era uma foto do cachorro relaxando no sol.

Assim que penso isso, tenho vontade de bater na minha testa. *Como e por que eu sei disso?* As redes sociais me assustam muito às vezes.

Há um estrondo repentino atrás de nós e uma equipe de filmagem da SBC, o canal oficial que transmite *Você é minha estrela brilhante*, entra correndo no saguão, junto com Davey Kim, o apresentador do programa.

Lana e a amiga se empinam e sorriem, se preparando para a equipe. Mas as câmeras passam direto, como se fôssemos fantasmas. Pela forma como disparam na direção do Henry, é um milagre ninguém esbarrar em nós.

Davey aborda Henry com uma enxurrada de perguntas em coreano. Henry consegue responder de uma forma tão calma e controlada que é difícil acreditar que só tem 17 anos, só um a mais do que eu. Enquanto fala, ele passa a mão pelo cabelo e abre um sorriso relaxado para a câmera.

Não consigo ouvi-lo em meio aos gritinhos de empolgação das pessoas ao redor, mas o que ele diz faz todo mundo rir e olhar para ele com carinho. Esse cara leva jeito.

– Skye Shin.

Eu me viro para a frente e vejo uma moça com um tablet Samsung me esperando na Porta Três.

– Fique atenta para a chamada – acrescenta ela, franzindo a testa ao ver minha expressão confusa.

Ah, é. A audição.

Eu estremeço. É perturbadora a forma como meu cérebro se esvaziou completamente de todos os outros pensamentos assim que o Henry entrou no saguão. Como pude deixar que me distraísse tanto?

Ele pode ser celebridade, mas é só um garoto, digo para mim mesma. Você precisa se concentrar.

Balanço os braços e as pernas, um antigo hábito que mantive desde quando comecei a dançar. Todo mundo também está ocupado se aquecendo e não achei que eu chamaria a atenção até reparar em *Henry Cho* me olhando do outro lado do saguão com uma expressão divertida no rosto.

Sinto o calor subir para as bochechas, mas ignoro a sensação e me viro rapidamente enquanto continuo o aquecimento. Não posso deixar um aspirante fofa integrante do BTS me distrair do verdadeiro motivo de eu estar aqui. Ensaiei uma eternidade de meses para isso. Cantei e dancei em cada segundo livre entre fazer os deveres de casa e estar na escola.

Respiro fundo e sigo a moça pela porta.

Capítulo Dois

OS BASTIDORES ESTÃO UM CAOS. A NOTÍCIA DA CHEGADA do Henry deve ter se espalhado, porque as pessoas estão correndo para a porta por onde entrei para dar uma olhada nele. Seja no *American Idol* ou no *America's Got Talent*, ou até mesmo nas competições coreanas como *K-Pop Star* e *Show Me the Money*, as filmagens dos competidores nos bastidores sempre são cortadas ou aceleradas, e agora sei o motivo. As pessoas que não estão surtando por causa do Henry Cho estão entrando em pânico, gritando em coreano apressado e dando instruções umas para as outras com tanta rapidez que minha cabeça gira. No alto, as luzes fortes piscam enquanto os contrarregistas ajustam a iluminação do palco. Mesmo de onde estou, ouço o barulho alto da plateia.

– Espere aqui até as câmeras começarem a filmar de novo – diz a moça do tablet com a voz cansada. Ela aponta para um X de fita adesiva azul aos meus pés. – Os jurados estão descansando um pouco. Aviso quando você puder ir para o palco.

Ela dá uma batidinha no fone que tem no ouvido.

Faço que sim com a cabeça enquanto meu coração dispara

no peito. Fora o episódio final, todos os outros de *Você é minha estrela brilhante* são gravados previamente, mas hoje tem uma plateia de estúdio composta de vários membros da equipe e das centenas de outras pessoas que apareceram na audição. Também tem um grupo de K-pop da PTS Entertainment (a empresa de Park Tae-Suk) na plateia, só para que os fãs assistam o programa para ver a reação deles.

Já me apresentei no palco inúmeras vezes em eventos da escola, mas essa é a primeira vez que vou me apresentar na frente de uma câmera sem ser a do meu pai (que ainda insiste que câmeras portáteis são melhores do que celulares) ou de outros parentes que gravam nossos shows.

Fico tentando imaginar qual será a reação dos meus pais se me virem na televisão coreana. Apesar de morarmos nos Estados Unidos, temos um plano de TV a cabo para assistir aos canais coreanos. Sei que meu pai ficaria empolgado de me ver na televisão. Mas e a minha mãe? Vou ter sorte se ela não me deixar de castigo por uma semana. Se a conheço bem, acho que vai fechar os olhos e desligar a televisão assim que eu aparecer, a *maior* vergonha dela (o trocadilho não foi intencional... sério), ali no palco.

– Estão prontos pra te ver – diz a moça do tablet, interrompendo meus pensamentos. Ela me entrega um microfone e acena para eu passar. – Vá até o X grande no meio do palco e espere que os jurados falem com você.

Meu coração bate mais alto a cada passo dos bastidores para o palco. Assim que estou visível, todo mundo me olha fixa-

mente. Alguns garotos da fileira da frente cutucam os amigos, os quais também passam a me encarar de boca aberta. Alguns até riem, como se eu fosse a coisa mais engraçada que eles já viram.

Que ótimo. Então vai ser assim aqui também.

Por alguns segundos, tenho medo de que a competição só tenha me permitido passar pelas preliminares para que as pessoas possam rir de mim, como fizeram com o cara que não sabia cantar. É nojento saber que essa possibilidade existe, mas tirar sarro de gente gorda não é tão incomum na televisão coreana.

Uma coisa boa de estudar em escolas americanas é que as pessoas não seguem os mesmos padrões de corpo da imprensa asiática. Nas apresentações da escola, ninguém se importa de eu ser *plus size* (ou pelo menos as pessoas sabem que não devem dizer nada, nem reagir de forma evidente), porque tem muita gente com históricos de vida variados e corpos diversos. Mas, na imprensa coreana, quase todas as garotas são magrelas. E, se alguma delas veste um tamanho maior que 36 (ou, que absurdo, tamanho 50, como eu), é porque são comediantes ou personagens coadjuvantes que só estão ali para fazer os espectadores rirem e a personagem principal parecer ainda mais bonita. Garotas gordas só servem para alívio cômico.

Mas não vim até aqui para fazer ninguém rir. Eu vim pra vencer.

Levanto bem a cabeça. E daí se estão rindo de mim agora? Ninguém vai estar rindo em alguns minutos.

Os jurados, pelo menos, são profissionais e não reagem como a plateia. Mas, apesar de serem mais sutis, suas reações

não são exatamente positivas. Park Tae-Suk, o produtor, ergue as sobrancelhas para mim. Os outros, Jang Bora e Gary Kim, só me encaram num silêncio perplexo.

Os três jurados parecem surpreendentemente normais e não as figuras imponentes que aparentam ser na televisão e nos pôsteres promocionais. Nem sei se os reconheceria se passasse por eles na rua. É verdade que Park Tae-Suk, conhecido pelos trajes excêntricos, está num terno azul-petróleo que contrasta com a gravata rosa vibrante. E Gary Kim e Jang Bora estão usando roupas descoladas e casuais que os deixam com cara de quem vai estourar com um disco novo de hip-hop. Mas, fora as roupas de marca e o cabelo e a maquiagem feitos por profissionais, eles até parecem... humanos.

Sei que é uma coisa estranha de dizer. Claro que eles parecem humanos. Eles *são* humanos. Mas sempre achei que as celebridades estavam num nível diferentes de nós, meros mortais, que só podemos idolatrá-los como os gregos antigos adoravam os deuses. Mas, agora, vejo as olheiras escuras sob os olhos da Jang Bora, as rugas no rosto do Park Tae-Suk e o suor escorrendo pelo rosto do Gary, como se o auditório estivesse quente demais para ele.

As celebridades... são como nós! Sempre vejo tabloides com clichês assim nas manchetes, mas nunca achei que fossem verdade até agora. De certa forma, é até reconfortante. Me permite pensar que um dia eu poderia ser como eles.

Abro meu melhor sorriso e me curvo intensamente, encarando os jurados e a plateia.

– Oi – digo no microfone e me apresento como devo, em coreano. – Meu nome é Skye Shin. Tenho 16 anos e moro em Orange County.

Posso ser a maior decepção da minha mãe, mas pelo menos não sou herege. A cultura coreana tem padrões próprios de comportamento sobre coisas nas quais o povo americano nem pensa. Regras sobre curvar o corpo e se apresentar de forma adequada seriam como tentar fazer malabarismo enquanto jogo Twister, se meus pais não tivessem me ensinado desde quando eu era pequenininha.

– Oi, srta. Shin – diz Bora. A voz dela é um pouco mais aguda (mas não menos bonita) do que na televisão. – Diz aqui que você vai cantar e dançar pra nós hoje. É isso mesmo?

Enquanto fala, seus lábios se curvam num sorrisinho. Quase não dá para perceber, mas é suficiente para me fazer apertar as mãos. A reação da plateia quando entrei no palco já destruiu a calma que senti quando estava conversando com Lana; o sorrisinho da Bora arranca o pouco que restava. Fica claro pela forma como ela me olha que espera que eu seja uma grande piada.

Tudo bem, penso. É só mais uma pessoa que devo provar que está errada. Mais uma na lista.

– É – digo com uma voz animada. Se tenho que fingir não perceber, ao menos por enquanto, que seja. – Vou dançar primeiro e depois cantar. Posso começar quando vocês quiserem.

Um contrarregra tira o microfone da minha frente e todos esperam com expectativa silenciosa, todos os olhos em mim.

Park Tae-Suk assente e levanta a mão.

As batidas iniciais da música que coreografei tocam no auditório, explosivamente altas e agressivas, fazendo cada nervo do meu corpo tremer e me sufocando. Não consigo ouvir meus batimentos e acho que é melhor assim. Não preciso que nada me distraia do que tenho que fazer aqui – nem mesmo as batidas frenéticas do meu próprio coração.

Garotas gordas não sabem dançar. Ouço as palavras da minha mãe na cabeça repetidamente, como um disco quebrado.

Bom, mãe, vim provar que você está errada.

Dou um pulo para a frente e começo a me mexer com o ritmo.

Capítulo Três

A DANÇA SEMPRE TEM UM EFEITO ENGRAÇADO EM MIM. Num momento, estou nervosa e ansiosa porque tenho que subir no palco, mas, no momento seguinte, parece que alguém desligou todas as partes do meu cérebro, menos aquelas que controlam os músculos e os ouvidos. Eu sou a música e sou os movimentos confiantes e ousados dos meus braços e pernas. Mais nada.

Eu nunca ensaiei essa coreografia no palco, mas me adapto rapidamente e aproveito bem o espaço, caminhando e desfilando pela superfície de madeira. Movimento os braços para cima e para baixo acompanhando a batida energética da música de um grupo feminino que escolhi. Em vez de ouvir meu coração, eu o *sinto*, como se meu peito fosse explodir com a energia que arde dentro de mim da cabeça aos pés.

A plateia fica num silêncio total no começo. Há choque e confusão no rosto das pessoas. Mas, quando começo a dançar o refrão, algumas e depois muitas delas começam a gritar e aplaudir, até que, em pouco tempo, o ruído da plateia vira um

rugido ensurdecidor que só aumenta o fogo que arde dentro de mim. Vejo rapidamente a cara dos garotos que tinham rido de mim poucos minutos antes. Eles não estão rindo agora. Ainda estão me encarando, mas agora parece que eles vão ter um ataque cardíaco.

Estou terminando a coreografia quando Park Tae-Suk levanta a mão.

A música é interrompida. Eu me recupero rapidamente e assumo uma postura relaxada, com os dois pés no chão. Estou ofegante e suada, mas encaro os jurados enquanto espero que falem.

Não preciso esperar muito. Park Tae-Suk se encosta na cadeira e pega o microfone.

– Srta. Shin – diz ele em coreano. – Quando você começou a dançar?

O rosto dele está sem expressão nenhuma e não tenho a menor ideia do que ele achou da minha apresentação.

– Eu danço desde os três anos – digo depois que um contrarregra devolve meu microfone.

Park Tae-Suk levanta as sobrancelhas.

– Impressionante. E você vai cantar pra nós agora?

Faço que sim com a cabeça.

Seguro o microfone com força e olho para a plateia. Tenho a atenção de todos agora. Incontáveis rostos me olham com expressões variadas de deboche e admiração.

As notas iniciais da minha canção soam no auditório. A música da minha dança foi rápida e explosiva, mas essa é mais lenta e foi escolhida especificamente para exibir meu alcance vocal.

Músicas lentas são sempre um risco, mas tive o cuidado de escolher uma canção interessante, um sucesso de rock coreano dos anos 1980, que começa suave e fica alta e poderosa no refrão.

Assim que ouvem as notas iniciais, as pessoas mais velhas da plateia se sentam mais eretas, os rostos desenhando uma expressão feliz ao reconhecer a música. Mais uma vez, Park Tae-Suk levanta as sobrancelhas. Bora não reage, mas Gary respira fundo e se inclina para a frente na cadeira.

Ouvi a música da minha audição pela primeira vez quando meu pai estava cantando bêbado no karaokê, em uma das nossas muitas festas da família. Ele não conseguia alcançar as notas mais altas, mas se esforçou mesmo assim e acabou parecendo um pterodáctilo moribundo. Não que meu pai cantasse mal – ele até era o melhor dentre as pessoas da festa –, mas a música é difícil demais e foi cantada originalmente por uma das maiores lendas do heavy metal da Coreia do Sul.

Ao contrário do meu pai, eu consigo alcançar todas as notas altas. Ou consegui, pelo menos, quando ensaiei a música nos últimos meses. Apesar de meu coração começar a bater alto no peito de novo, estou determinada a cantar tão bem (ou até melhor) do que cantei nas salas de ensaio da escola.

Enquanto estou cantando, os rostos cheios de expectativa da plateia somem e é como se eu estivesse de volta aos eventos de coral que já frequentei por anos com a minha mãe. Cantar foi a única coisa em que ela me apoiou ao longo dos anos. Ela até vai em todas as apresentações do meu coral e se inscreveu para ser uma das mães da organização, um contraste enorme com o fato

de que, fora os primeiros recitais de balé, ela não foi a nenhum dos meus eventos de dança nos últimos treze anos.

Mas quase desejo que minha mãe *não fosse* aos eventos do coral, porque ela sempre faz comentários do tipo “Sabe, talvez seja bom você ser mais fortinha. Como era a Adele! Essa sua cintura mais arredondada deve ajudar a cantar” e “Querida, Deus teve motivo pra te dar um corpo grande. Acho que você devia pensar em parar de dançar e só ficar no coral mesmo”.

Nunca tenho coragem de responder porque sei por experiência que ela vai fazer outro comentário cruel. Já me acostumei a ficar dizendo “aham” até ela parar de falar, apesar de cada palavra dela ser como uma agulha afiada perfurando minha pele.

Chega. Eu me forço a voltar ao presente. Respiro fundo e deixo minha voz levantar voo e planar acima da guitarra e da bateria trovejante do meu acompanhamento instrumental. Alimentada pela frustração e pela dor que senti em todas essas conversas com a minha mãe, eu não só alcanço as notas – eu arraso totalmente nelas, como se tivesse nascido para cantar essa música.

A plateia está ofegante. De onde estou, vejo as pessoas me olhando hipnotizadas. Algumas até em lágrimas.

Estou prestes a fechar os olhos e mergulhar completamente na música quando vejo flashes de câmera vindo da plateia. Mas não é de mim que as pessoas estão tirando foto. Elas estão com os celulares virados para Henry Cho, que está me olhando de uma cadeira na plateia.

Estão tirando fotos dele *com o flash ligado*. Durante a *minha* audição. Que grosseria.

Apesar das pessoas ao redor, a atenção do Henry está toda em mim. Suas sobrancelhas estão unidas de leve e seus olhos parecem tristes, como se ele estivesse totalmente mergulhado nas emoções da música. Quando nossos olhares se encontram, eu afasto o meu e sinto o rosto esquentar num rubor inegável.

Park Tae-Suk levanta a mão. A música é interrompida de novo e volto a atenção para os rostos dos jurados.

Gary Kim está com um sorriso largo, mas Park Tae-Suk e Bora ainda estão com uma expressão pétrea.

Aperto as mãos com força. É o fim da minha audição. Se eles não estão reagindo de forma positiva agora, deve significar que não fui tão bem.

– Uau! – diz Davey, aparecendo no palco na minha frente. – Foi uma apresentação incrível! Pessoal, outra salva de palmas pra Skye!

As pessoas gritam, mas os aplausos são escassos. Todo mundo sabe que a falta de reação dos jurados é mau sinal.

Bora é a primeira a falar e leva delicadamente o microfone aos lábios vermelhos.

– Srta. Shin – diz ela. – Você é talentosa, mas já pensou em perder peso? Por ter sido integrante de um grupo feminino por cinco anos, posso dizer com segurança que a câmera acrescenta uns quilos e infelizmente você é um pouco... redonda demais.

A plateia solta ruídos e sussurros de surpresa, mas ninguém vai abertamente e nem fala nada contra ela. Penso no que aconteceria se fosse um show de talentos ocidental e tento lembrar se Adele ou Susan Boyle já foram envergonhadas por causa do peso na televisão.

Meu sangue ferve. Estou constrangida, sim, mas também estou com muita, muita raiva.

Inclino o microfone na frente da boca e minhas palavras saem altas e claras.

– Não – respondo. – Não vou fazer isso. Se eu só for aceita nessa competição com a condição de perder peso, prefiro não participar.

Os sussurros se intensificam. Por um momento, começo a refletir sobre o motivo de estar ali. Questiono por que me esforcei tanto se as pessoas nem querem me levar a sério.

A tensão no auditório está palpável quando Park Tae-Suk fala.

– Apesar de respeitar sua... confiança, eu tenho que concordar com a srta. Jang, ainda que por motivos diferentes. Como presidente da PTS Entertainment, já ajudei inúmeros aspirantes a virar estrelas, mas também testemunhei os que não conseguiram. Ser artista de K-pop exige muita disciplina e trabalho árduo. E não tem ninguém... do seu tamanho nesse ramo. Se já houve, a pessoa não ficou por muito tempo. É lamentável, mas é verdade. Tem algum motivo *específico* pra você ser tão contra perder peso?

Os jurados me olham com expectativa e, de repente, estou de novo na sala de casa, vendo um programa de talentos coreano parecido com *Você é minha estrela brilhante* com a minha mãe. Ela ama qualquer coisa relacionada a fama e glória, por isso era uma tradição nossa de mãe e filha ver shows de talentos juntas sempre que começavam as temporadas. Como ela estava sempre ocupada trabalhando, eu esperava ansiosamente esse momento

especial, embora ela às vezes me mostrasse competidores como uma “motivação a mais” para perder peso.

– Olha, Haneul! Olha como aquela garota é bonita! – ela dizia. – Todo mundo é louco por ela! Você também pode ser assim. Só temos que dar um jeito de você se exercitar mais e comer menos!

E claro que, cada vez que dizia isso, ela estava falando de mais uma garota magrela com maquiagem perfeita e gosto impecável para roupas. Uma garota que vestia tamanho 34 e não se parecia nem um pouco comigo.

Mas, quando fui para o sétimo ano, tudo mudou.

Eu expiro lentamente e começo a falar.

– Alguns anos atrás, quando eu estava no sétimo ano – digo, fazendo contato visual com os jurados –, uma garota *plus size* ganhou uma competição coreana de talentos parecida com *Você é minha estrela brilhante*. Fiquei muito feliz porque parecia que finalmente as garotas gordas como eu podiam fazer o que quisessem. Mas, no primeiro ano de carreira, essa garota mudou perante meus olhos. A cada postagem de Instagram, foto nas revistas e aparição na televisão, ela ia ficando mais magra, até que um dia saiu uma notícia dizendo que estava hospitalizada por desnutrição e exaustão. Quando a entrevistaram, ela disse que foi “pelos fãs e pela carreira”, e minha mãe a usava como exemplo de como eu podia ser se “me esforçasse mais um pouco”.

Faço uma pequena pausa.

– Depois disso, prometi participar de uma competição de K-pop e nunca mudar dessa forma se conseguisse entrar. É por isso

que estou aqui agora. Quero mostrar às pessoas que está tudo bem em não ser magra, que está tudo bem em não ser como os padrões que se exigem de modelos e que não é bom maltratar a saúde, muito menos a ponto de ter que ser internada num hospital. Aquela garota falhou comigo e eu quero ser minha própria heroína.

Quanto termino, a plateia toda está em silêncio.

Bora abre a boca com jeito de quem vai protestar, mas Gary pega o microfone dela. Ele ficou em silêncio esse tempo todo e quase esqueci que havia um terceiro jurado.

– Bom – diz ele, abrindo um sorriso largo –, está claro que você é talentosa e já tem um sim meu. Embora seja verdade que nosso ramo só costuma ter a mente voltada pra um... tipo específico de corpo, acho que está na hora de sacudir um pouco os padrões!

Ele bate no botão redondo à sua frente e fagulhas explodem acima da minha cabeça.

Algumas poucas pessoas comemoram.

Ao lado dele, Bora revira os olhos e murmura:

– Você é *tão* americano.

Ela se vira para mim com uma expressão fulminante.

– Desculpe, vou ter que dizer não – diz Bora. – Não é pessoal, só estou sendo realista. Ganhar peso assim é sinal de falta de disciplina. E ser uma estrela do K-pop exige muita disciplina, não uma asa de frango a mais no jantar.

Ela ouviu alguma coisa que falei? Mordo o lábio para não responder, lembrando que a filmagem vai passar na televisão. Vai ter gente de toda a Coreia do Sul e de outras partes do mundo

vendo se eu gritar com Bora e deixar bem claro o que penso. Por isso, em vez de responder ao que ela disse, aceno brevemente, o gesto mais educado que consigo fazer agora.

Todo mundo se vira para olhar Park Tae-Suk. As sobrancelhas dele estão erguidas de novo, mas agora ele está sorrindo de leve, como se tivesse ouvido uma piada engraçada.

– Ora, ora – diz ele. – Parece que agora depende de mim.

Eu engulo em seco. Minhas mãos estão tremendo, mas tento não demonstrar nervosismo. A última coisa que quero é ouvir minha mãe comentar como eu pareço assustada quando o episódio for para o ar. Isso *se* ela assistir ao episódio.

– Você está apresentando uma questão interessante, srta. Shin – continua Park Tae-Suk. – Por um lado, acho você corajosa e muito talentosa. Concordo com Gary nisso. Mas, por outro lado, também concordo com a srta. Jang. Sei por experiência a disciplina rigorosa que é necessária para se ter sucesso nesse ramo. Nós botamos pressão nos artistas sem piedade porque esperamos que eles sejam grandes não só na Coreia do Sul, mas no mundo todo. E, como falei antes, nem todo mundo suporta isso. Na verdade, a maioria das pessoas não aguenta. Você não é a primeira garota *plus size* a subir no palco e me dizer que aguenta a pressão. Muitas passaram pelo treinamento antes de você e acabaram desistindo. Como posso saber se você vai ser diferente?

– Eu não vou desistir.

Seguro o microfone com força e tento pensar em algo que convenceria Park Tae-Suk a acreditar em mim.

– Se eu desistir – continuo um momento depois –, vou ter

que admitir pra minha mãe que ela estava certa depois de tantos anos. E isso não vai acontecer.

– Certa sobre o quê?

– Que garotas gordas como eu não sabem dançar. Que garotas gordas como eu não podem subir ao palco e arrasar como as outras. Você me viu aqui. *Sabe* que eu sou boa. Você mesmo disse. Então, por favor, só me dê uma chance. Posso me sair bem melhor do que hoje. Vocês ainda não viram nada.

Os cantos dos lábios de Park Tae-Suk se curvam. É quase um sorriso.

– É mesmo?

Faço que sim porque já falei tudo que pensei em dizer. Meu cérebro e meu coração parecem vazios agora, como se eu tivesse oferecido toda a minha alma.

Ao lado dele, Bora balança a cabeça. Os dois sussurram pelo que parece uma eternidade. Park Tae-Suk franze a testa e meu coração despenca. Eu me preparo para o pior quando ele se vira para mim.

– É melhor você provar que sua mãe está errada, srta. Shin – diz Park Tae-Suk. – Porque você acabou de entrar em *Você é minha estrela brilhante*.

Ele bate no botão à sua frente e, por um instante, só vejo luzes intensas.

O Universo K-pop Vai

Conhecer Uma Nova Estrela

“Lyla Lee nos lembra de **celebrar a beleza** que existe nas várias **formas, cores, tamanhos, identidades, sexualidades e referências culturais**.

E faz isso sem romantizar o quão doloroso pode ser o processo de se entender e se amar.”

— ÉRICA IMENES, JORNALISTA E COAUTORA DOS LIVROS *K-POP: MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA* E *K-POP: ALÉM DA SOBREVIVÊNCIA*

“A **força** e o **talento** de Skye fazem dela uma inspiração para todos os **fãs de K-pop**.”

— KIRKUS REVIEWS, *RESENHA ESTRELADA*

“Com esta **deliciosa comédia romântica**, Lyla Lee encontra seu lugar ao lado de autoras de destaque como Jenny Han, representando a **diversidade** das experiências américo-asiáticas.”

— SCHOOL LIBRARY JOURNAL, *RESENHA ESTRELADA*



PLATAFORMA 21

f @ plataforma21_

ISBN 978-65-88343-01-2



9 786588 343012